

HALBERSTAM, David. O próximo século. Tradução de Waltensir Dutra. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991. 108 p.

O autor inicia o trabalho colocando Henry Kissinger ao lado de um público especial, constituído de governadores dos cinquenta estados americanos, tendo como assunto em pauta “o que estava ocorrendo na URSS, em 26/02/89”. Naquela altura dos acontecimentos, Kissinger se mostrava condescendente com a linha de conduta de Gorbachev.

O assunto transcorre abordando a correlação entre a preponderância da educação no Japão (e Coréia) e seus êxitos industriais, inclusive a Segurança Nacional Americana, onde se criticava o mal preparo dos que falam em segurança nos EUA; a segurança nacional, que já não estava nos níveis de armamentos; a capacidade do país de dar a seu povo habitação, alimentação, educação, etc.

Procurando discorrer sobre o atraso da URSS em relação ao mundo, aponta para o fato de a Guerra Fria já ter terminado e a constatação de que os EUA estavam produzindo uma geração de jovens mal preparados para enfrentar um futuro complicado e desafiador. Nesse caso, os acontecimentos estavam superando as projeções até mesmo dos melhores especialistas. Afirma, ainda, que Kissinger estava errado em sua conferência sobre as grandes transformações da História e conclui com uma advertência: “A história castiga os que chegam tarde a ela”.

O império soviético se apresenta ao mundo, mas, ao mesmo tempo, não se entrega à evolução da realidade desse mundo. Torna-se fardo pesado para os dirigentes e para toda a população. A tecnologia no mundo avança a passos largos, mas o sistema soviético se mantém à margem, não se preocupando com o fechamento da comunicação, com a limitação do conhecimento do povo, estratégias do próprio regime.

As guerras e as invasões próximas à União Soviética deixam o sistema mais vulnerável. Os países do bloco comunista sofrem interferências do Ocidente,

passam a conhecer o outro lado da “cortina” e sentem que o mundo é diferente daqueles em que viviam. Percebendo a solidariedade do povo ocidental, a “cortina” começa a ser rasgada pelos jornalistas, através da Polônia, quando ocorreram as greves e a atuação do Sindicato Solidariedade.

Gorbachev sobe ao poder como novo responsável pelo país e pelo Bloco, como os demais líderes anteriores. Os soviéticos eram os detentores do poder de todos os países orientais que tinham como regime o comunismo.

O mundo surpreende-se com suas primeiras realizações, começando por descortinar o seu próprio país, quando tantos outros, antes, o cobriam da melhor maneira possível. O mundo não conhecia a vida dos moscovitas e tampouco as mazelas da sua sociedade.

Gorbachev era um líder avançado, preocupado com o sistema tacanho e retrógrado que subjugava o país. Pertencia ele a uma elite privilegiada, com boa escolaridade e, conseqüentemente com uma nova visão de mundo. A comunicação através da televisão seria o novo instrumento de seu governo. Sua vida pode ser dividida em quatro fases: A primeira, totalmente desconhecida do Ocidente, mas um stalinista praticante. A segunda, é a fase da subida ao poder, membro do grupo de Andropov; isto significa que tinha conhecimento de causa, de todos os erros e acertos do regime. A terceira, quando deu ênfase aos meios de comunicação, fazendo parte das mídias ocidentais. A quarta, quando foi desacreditado, porque a mídia o explorou muito, elevando-o além das suas possibilidades. Em seguida, foi colocado no quadro dos desprezados, caindo no ostracismo, como aconteceu com os líderes anteriores; conseqüentemente, foi esquecido, provando que a memória do povo é curta. Não se deram conta de que ele foi o precursor da liberação desse mesmo povo, tirando-o do regime fechado, do anonimato, para uma vida conhecida e valorizada por outros povos.

O regime soviético era fechado, seus líderes sempre pessoas reservadas, viviam mais próximas do anonimato e cada governo com suas características particulares. Essa atitude era também seguida pelos demais países do bloco comunista; a autoridade dos líderes sublimava o povo, que não tinha oportunidades, transformando-se, assim, em povo não realizado, escravos de um regime que o Ocidente não suporta.

A queda do regime comunista iniciou-se na Polônia, em Gdansk, com a greve dos empregados dos estaleiros, tendo como líder Lech Wallesa. O povo

ocidental teve conhecimento do movimento e solidarizou-se com o Sindicato Solidarietà, fortalecendo, assim, o movimento.

O Sindicato saiu vencedor bem como todo o povo que assumiu a causa. Os jornalistas do Ocidente procuraram dar ênfase muito grande ao acontecimento; conseqüentemente o regime polonês não suportou a pressão e caiu. Era o nascimento de uma nova era. Em seguida a Alemanha Oriental, protegida pelos soviéticos, não suportou a pressão política e o muro da vergonha foi derrubado.

O líder dos soviéticos, simpatizante de um mundo novo, não mediu esforços para abrir o seu país. Mas, o povo, na sua totalidade, não adere, havendo resistência e conflitos. A maioria, contudo, aprovava a liberdade. Percebe-se, claramente, que o país não estava totalmente preparado para a abertura, que visava à participação na economia ocidental, conhecer os produtos que antes não conheciam, etc. O regime do leste europeu seguiu esses passos, e todos os países do bloco comunista, do Pacto de Varsóvia, se desmantelaram, cada um procurando sua própria liberdade, inclusive a União Soviética.

O autor, por ser americano, faz suas considerações pela sua ótica, não escondendo o pragmatismo exagerado. Ao enfatizar, quase por instinto, os americanos exageram sempre a ameaça soviética, tendo assim, construído uma dinâmica cuja própria existência dependia dessa ameaça.

Não era possível, segundo o autor, imaginar um debate político americano sem enfrentar a União Soviética, como tema central. Em sua explanação, situa geograficamente cada uma dessas nações e afirma que o internacionalismo foi uma conquista involuntária.

Os Estados Unidos, segundo Halberstam, tornaram-se uma potência mundial, ao serem arrastados, contra a vontade, para duas guerras européias num período de aproximadamente vinte anos, tendo de exercer um papel que cabia à exaurida Inglaterra.

Os Estados Unidos poderiam ter-se tornado internacionalistas, se os sentimentos isolacionistas de antes da guerra não permanecessem tão poderosos, como pareceram. O internacionalismo dos Estados Unidos continha, na verdade, uma boa parte de anticomunismo, ou seja, era vendido em nome do anticomunismo.

O autor ressalta que uma análise fria da União Soviética teria revelado debilidades por todos os lados: na agricultura, na produção industrial, na qualidade

de seus produtos, na habitação e até mesmo na capacidade de motivar os cidadãos comuns para as tarefas mais simples. Na tecnologia, a distância se ampliou notavelmente durante aquele período, pondera Halberstam.

O efeito das armas nucleares sobre o debate político americano foi formidável. Era uma arma que prometia resolver todos os problemas, mas que não podia ser usada. A própria falta de opções mostrava até que ponto a superbomba tinha desviado o centro do debate.

As primeiras vozes discordantes, como Oppenheimer e Conant, de Harvard, argumentavam que uma arma termonuclear, ao invés de aumentar a segurança, a diminuía, alocando investimentos tão elevados em armas que não poderiam ser usadas. É interessante imaginar como teriam sido diferentes os últimos quarenta anos para os Estados Unidos se, primeiro, tivessem visto o desafio comunista não como um acontecimento apocalíptico, em parte teológico e em parte político, mas como uma manifestação grosseira e incompetente, do tradicional nacionalismo vermelho.

Provavelmente, o primeiro indício do declínio da ameaça soviética e da existência de um impasse de fato, que negava não apenas as armas atômicas, mas também o uso significativo dos exércitos de terra, apareceu em 1966, quando De Gaulle retirou a França da OTAN.

Conforme afirma o autor, a atitude de De Gaulle foi um sinal da verdadeira força do Ocidente, sinal que, apesar dos altos níveis de força, das despesas militares maciças e da retórica ameaçadora dos Estados Unidos e União Soviética, não precisava da OTAN que desejava uma política muito independente.

A dinâmica da Guerra Fria tornou-se cada vez mais prejudicial às duas nações envolvidas. Ambas foram obrigadas a pagar um preço crescente, a expensas de sua saúde econômica. Havia corrupção no diálogo político, confusão entre o que era real e o que fora considerado real.

À medida que a Guerra Fria chegava ao fim, os que eram imunes a ela ou tinham a habilidade de aceitá-la apenas na aparência e continuavam com sua agenda própria, como os japoneses, começaram a prosperar.

O século americano foi, realmente, um século do petróleo ou de uma cultura do petróleo. Com o petróleo, os Estados Unidos colocaram a classe média ao alcance de uma sociedade de massa. A Segunda Grande Guerra deu aos Esta-

dos Unidos a confiança política, social e diplomática de agir de acordo com o seu grande poderio industrial.

O Vietnã, ainda mais do que a Coréia, mostrou como a fé na tecnologia americana imensamente superior podia enganar seriamente os políticos dos Estados Unidos. O Vietnã fez os Estados Unidos compreenderem, de forma terrível, que já não eram apenas uma democracia; eram uma superpotência, uma democracia que se tornara império. Uma democracia funciona à base de verdades conhecidas de todos, mas o império é grandioso, é o poder, e a verdade passa a ser, muitas vezes, uma obstrução.

O século americano, segundo Taft, na primavera de 1943, “baseia-se na teoria de que sabemos o que é bom para o mundo melhor do que o próprio mundo. Supõe que estamos sempre certos e todos aqueles que discordam estão errados”.

O autor menciona que os americanos não compreendiam que a América tinha se transformado num império, governado por homens adequados ao governo de um império, homens que não valorizam necessariamente a verdade. Eram grandiosos demais para isso; o poder valia mais do que a verdade. Aliás, tinham criado sua própria verdade: no poder estava a verdade.

No tocante ao Oriente Médio, a política americana não foi, por si só, responsável pela escalada das tensões; cada movimento realizado era acompanhado pelos soviéticos por um movimento compensador.

Outro momento de grande importância para os Estados Unidos, envolvendo a indústria automobilística, ocorreu em princípios do governo Reagan, quando os americanos impuseram um limite ao número de carros que os japoneses podiam exportar para aquele país. Jogaram fora a enorme vantagem que tiveram e outras nações vieram a ultrapassá-los. Isso é, em parte, inevitável; seria pouco realista esperar que qualquer nação permanecesse dominadora e poderosa.

Havia um certo perigo na riqueza nacional obtida com demasiada facilidade e quase inconscientemente. Os Estados Unidos eram tão ricos que um certo padrão de vida estava incorporado às expectativas dos americanos. O sistema político acabou deitando raízes nessas expectativas. Tornou-se responsabilidade dos políticos e não dos americanos, como cidadãos, produzir aquele padrão de vida. Quando o período de monopólio americano terminou, os cidadãos

americanos adaptaram-se muito mal a uma nova era, mais espartana, num mundo mais duro, mais competitivo e menos sentimental.

Os americanos criaram maneiras, umas sutis e outras nem tanto, de não estimular o crescimento, mas de simulá-lo. Inventaram meios cada vez mais fáceis de financiamento - ações sem valor - para permitir viver acima das reais condições. A idéia de que poderia haver limites para isso, de que havia alguma coisa indecente nisso, de que a operação se baseava em assumir o controle de companhias, tirar sua parte bem depressa e onerá-las com uma dívida imensa, não parecia preocupar muita gente.

Tudo se desmorona rapidamente, quando é construído sobre a areia, seja pela maré alta, seja pela enchente. O resultado disso tudo não foi produtividade maior, mas enriquecimento para os que já eram ricos. Os americanos ainda não aceitam o fato de que não conseguiram fixar o padrão de excelência em produtividade.

Há países que dão um valor maior à educação e outros que reinvestem suas estruturas de capital em pesquisa e desenvolvimento. Segundo o autor, os americanos eram menos competitivos do que pensavam, interna e externamente. As maiores companhias americanas não se tinham modernizado e se escondiam por trás de seu potencial.

O autor pondera que os americanos culpam os outros por suas faltas, notadamente pela redução do ritmo da economia. Ficam irritados com os japoneses, por suas políticas comerciais, mas eles estão fazendo apenas o que outras nações fariam na mesma situação: maximizando suas riquezas e solidificando sua posição para o próximo milênio.

O conceito de reciprocidade de comércio parece estranho aos japoneses, mesmo nas áreas em que os americanos dominam, por estes não apresentarem bem seus produtos. Há várias razões para isso. Os Estados Unidos tornaram-se dependentes dos japoneses para a compra dos seus títulos do tesouro.

Por outro lado, os Estados Unidos precisam reexaminar sua visão inflada sobre o seu papel no mundo, achando que sua economia funciona muito bem. Um presidente americano, hoje, tem de desaprender a maioria dos pressupostos sustentados há muito tempo sobre a viabilidade da economia de seu país e perguntar o que se pode fazer para criar uma economia forte e competitiva para o próximo século.

Prof. Acir de Souza